

## Adoção de Adolescentes e a Construção do Vínculo Parento-filial

Ingrid Danielle de Jesus Bento<sup>1</sup> e Luciana Suárez Grzybowski<sup>2</sup>

*Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil*

**Resumo:** A adoção tardia, processo voltado para a adoção de crianças maiores de dois anos de idade e de adolescentes, é vista com estigmas e preconceitos. No caso da adoção de adolescentes, novas complexidades são adicionadas. O objetivo desta pesquisa foi compreender as percepções de pais e filhos sobre a construção do vínculo parento-filial no contexto de adoção de adolescentes. Neste estudo, de caráter qualitativo, exploratório e transversal, de estudos de casos múltiplos, participaram quatro famílias adotivas, sendo entrevistados os adotantes e o filho adolescente adotado. Os dados foram analisados por intermédio da Análise Temática. Os resultados apontaram o caminho percorrido pelos pais e pelos filhos durante a formação da relação familiar, passando pelo projeto adotivo, os desafios, as estratégias para lidar com esses desafios, as repercussões emocionais e as avaliações sobre o processo. O acolhimento e apoio dos pais para com os filhos, a participação da família extensa, a formação de espaços de proximidade e a avaliação positiva do processo adotivo foram importantes para o vínculo, exigindo esforços da dupla pais-filhos.

**Palavras-chave:** adoção tardia, adoção de adolescentes, vínculo parento-filial, família adotiva

## Adolescents Adoption and the Construction of the Parent-child Bind

**Abstract:** The late adoption, adoptive process turned to the adoption of kids older than two years and adolescents, is seen with stigmas and prejudices. When it comes to the adoption of teenagers new complexities are added. The main of this study was to understand the perceptions of parents and children about the construction of the parent-child bind in the context of adolescents adoption. In this cross-sectional study, of a qualitative nature, exploratory, and of a multiple case study, participated 4 adoptive families, being interviewed the adopters and the adoptive adolescent son. The themes originated from Thematic Analysis pointed the path coursed for parents and adolescents during the formation of the family relationships, passing the adoptive project, challenges, strategies to deal with challenges, emotional repercussions and evaluations about the process. The acceptance and support from parents to children, the participation of extended family, the formation of proximity spaces and the positive evaluation of the adoptive process were important to the bind, demanding efforts of the duo parents-children.

**Keywords:** late adoption, adolescent adoption, parent-child bind, adoptive family

---

1 Psicóloga formada pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Membro do Núcleo de Estudos em Saúde da Família (NESF) da UFCSPA. *E-mail:* ingridbento.danielle@gmail.com

2 Psicóloga. Doutora em Psicologia pela PUCRS, com pós-doutorado em Psicologia do Desenvolvimento pela UFRGS. Professora associada ao Departamento de Psicologia e professora permanente do Mestrado em Psicologia e Saúde da UFCSPA. Docente da Residência Multiprofissional Integrada em Saúde da ISCMPA/UFCSPA. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Saúde da Família (NESF). *E-mail:* lucianasg@ufcspa.edu.br

Submetido em: 11/05/2023. Primeira decisão editorial: 20/06/2023. Aceito em: 14/08/2023.

## Introdução

A família constitui-se como espaço importante para o desenvolvimento humano (Madalena & Falcke, 2020). Quando a convivência familiar não garante a integridade física e emocional da prole, num ambiente saudável e seguro (Pereira & Menezes, 2016), recorre-se, em última instância, à adoção. A adoção, portanto, é uma alternativa jurídico-legal (*Lei nº 8.069*, 1990; *Lei nº 13.509*, 2017) que se caracteriza por oferecer não só aos filhos um lar afetivo, como também oportunizar aos pais uma alternativa para o exercício da parentalidade pela via não biológica (Melo et al., 2018; Schettini et al., 2006).

Atualmente, percebe-se uma mudança paradigmática no contexto da adoção no Brasil, em que se passa a priorizar o melhor interesse da criança e do adolescente (Machado et al., 2015; Pereira & Menezes, 2016). Isso pode ser visto através da participação da equipe técnica do poder judiciário durante as etapas do processo (Silva et al., 2020) e da avaliação das motivações dos candidatos e de suas condições para o exercício parental (Queiroz & Brito, 2013; Silva et al., 2017). Além das ações que visam estimular e facilitar outras formas de adoção (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007; Fernandes & Santos, 2019), as quais não se encontram nos perfis mais procurados pelos adotantes.

A adoção tardia, processo adotivo destinado à adoção de crianças maiores de dois anos e adolescentes (Baldessar & Castro, 2019; Bicca & Grzybowski, 2014) é um desses casos de baixa procura. Devido a discussões sobre o termo “adoção tardia”, outras expressões, como “adoção de crianças maiores”, têm sido utilizadas para se referir a essa configuração adotiva sem que seja estabelecida a ideia de que há um tempo ou idade ideal para que uma criança ou um adolescente seja adotado (Fernandes & Santos, 2019; Machado et al., 2015).

A adoção tardia é pouco procurada devido aos estigmas e preconceitos (Araujo & Faro, 2017; Peixoto et al., 2019), em sua maioria, relacionados às vivências anteriores dos adotandos em suas famílias de origem e/ou nas instituições de acolhimento (Sampaio et al., 2018). Os postulantes apresentam receios quanto aos problemas de adaptação que podem

surgir inicialmente quanto à rotina e à organização familiar, assim como pelas repercussões das histórias anteriores dos adotandos no novo vínculo (Pordeus & Viana, 2020; Costa & Rossetti-Ferreira, 2007). Nesse sentido, eles acreditam que as experiências prévias, geralmente negativas, podem dificultar a vinculação e o processo de educação dos filhos (Sampaio et al., 2018), já que existem marcas inegáveis dessas vivências (Hueb, 2016).

Outro fator relacionado à baixa procura pela adoção tardia está no desejo dos adotantes da vivência da parentalidade mais próxima da biológica consanguínea, o que faz com que os adotantes recorram à adoção de bebês (Melo et al., 2018). Essa preferência ocorre, muitas vezes, pela possibilidade de omissão da história da adoção e da expectativa de mínima interferência da história prévia da criança (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007).

A complexidade da adoção tardia está no fato dos adotandos estarem mais conscientes das suas experiências anteriores (Fernandes & Santos, 2019) e poderem apresentar dificuldades no processo de vinculação, buscando se proteger contra uma possível ruptura do vínculo e se comportando de forma a testar os pais (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007; Paulina et al., 2018; Sampaio et al., 2018). Especificamente na adoção de adolescentes, novas complexidades podem ser adicionadas a essa dinâmica, uma vez que o adolescente, ao mesmo tempo em que passa pelo processo de vinculação, também vive as intensas mudanças do seu ciclo vital, podendo se mostrar mais vulnerável (Pinto et al., 2018).

Os adolescentes se encontram em um estágio de construção da própria identidade que passa pela avaliação e reavaliação de suas experiências, histórias e aprendizagens (Harvey & Byrd, 1998, citado por Gallarin et al., 2021). Assim, a integração de suas histórias de vida e de todas as emoções associadas a esta trajetória são aspectos que podem interferir no processo adotivo (Barroso et al., 2018). Além disso, os comportamentos contrastantes, de recusa e de isolamento, reflexos dos conflitos internos vividos pelos adolescentes (Só, 2018), podem trazer obstáculos para a formação do vínculo, fazendo com que os pais se sintam inseguros quanto à sua parentalidade (Machemer & Frizzo, 2021).

É importante que as demandas emocionais vividas pelos adolescentes possam ser compreendidas e acolhidas, o que contribuirá para a diminuição dos obstáculos do processo (Peixoto et al., 2019). Assim, a família adotiva, além de ajudar o adolescente a enfrentar os desafios do seu processo de desenvolvimento, também o ajudará a incorporar vivências positivas e apoiadoras (Assis & Avanci, 2004). Pensando nessas atribuições da família adotiva, é importante que os pais estejam dispostos a estabelecer uma relação familiar, se atentando para as necessidades dos filhos e realizando adaptações que facilitem a integração do filho e a elaboração sobre todas as transformações que a adoção pode provocar (Sampaio et al., 2018). Ainda, se faz preciso avaliar as condições e os recursos disponíveis para lidar com os desafios que podem surgir no processo (Silva et al., 2017; Silva et al., 2020) e para atender às especificidades de desenvolvimento do filho mais velho.

A partir do exposto, compreende-se que existem muitos desafios e peculiaridades em torno da adoção de adolescentes, sendo relevante investigar tais aspectos. Diante disso, o objetivo dessa pesquisa foi compreender as percepções de adotantes e de filhos adolescentes adotivos sobre a formação do vínculo parento-filial. A partir da escuta dos relatos de pais e filhos, pretende-se articular as percepções sobre a formação do vínculo familiar.

## Método

### Delineamento

Esta é uma pesquisa qualitativa, descritivo-exploratória, de corte transversal, realizada a partir de estudos de casos múltiplos (Yin, 2001) com famílias que adotaram filhos adolescentes.

### Participantes

A amostra desta pesquisa foi definida por conveniência. Participaram quatro famílias de três estados do Brasil (Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Paraná) formadas por adoção de adolescentes e sem filhos biológicos. Uma das famílias participantes

tinha configuração monoparental, enquanto as demais eram de configuração nuclear, assim, foram entrevistados quatro pais e três mães (de forma conjunta; exceto o pai solo) e quatro adolescentes (de forma individual). Como critérios de inclusão, foram definidos os seguintes: famílias formadas por adoção, que concluíram a adoção de um adolescente entre 11 e 17 anos há, pelo menos, 3 meses. O critério de exclusão foi: famílias que estavam em estágio de convivência e que adotaram grupos de irmãos adolescentes. A caracterização das famílias participantes está melhor detalhada na Tabela 1.

Tabela 1

Caracterização das famílias participantes da pesquisa

	Família 1	Família 2	Família 3	Família 4
Membros da família	Élida*, 36 anos, Enfermeira Ruan*, 37 anos, Profissional de TI Filho Rique*, 15 anos	Luana*, 52 anos, Do Lar Fabrício*, 46 anos, Pastor Filha Anelise*, 17 anos	Érico*, 40 anos, Professor Filho Gabriel*, 13 anos	Iara*, 36 anos, Assistente Social Ricardo*, 32 anos, Professor Filho Dom*, 13 anos
Estado de residência	RS	PR	RJ	PR
Escolaridade dos pais	Pós- -graduação e Ensino Superior	Ensino Superior	Pós- -graduação	Pós- -graduação
Renda familiar	Acima de R\$ 3.500,00	Acima de R\$ 3.500,00	Acima de R\$ 3.500,00	Acima de R\$ 3.500,00
Tempo em programa de acolhimento	2 anos	3 anos	3 anos e 6 meses	6 anos

Nota. (\*) Pseudônimos usados para manter o anonimato dos participantes.

### Instrumentos

As famílias responderam a um questionário sociodemográfico, que coletava informações sobre a família, como idade, renda e escolaridade, e sobre a adoção, como tempo de espera após a

candidatura, tempo de permanência do filho em programa de acolhimento, tempo do estágio de convivência e profissionais que acompanharam a adoção. Utilizou-se também dois roteiros de entrevistas semiestruturados com perguntas abertas direcionadas para os pais e para os filhos sobre o processo de vinculação (questionário elaborado pelas autoras). As questões da entrevista com os pais estavam relacionadas aos seguintes eixos de investigação: motivação para a adoção, processo de adoção, convivência com o filho, relação parental e familiar, desafios e facilitadores, apoio e relação atual. Já as perguntas direcionadas aos adolescentes investigavam o processo de adoção, a chegada na família, a adaptação inicial, os desafios e facilitadores e a relação atual com os pais e família extensa.

### **Procedimentos de Coleta de Dados**

Para acessar os participantes, sucedeu-se à divulgação da pesquisa nas redes sociais das autoras e a uma busca ativa de famílias que compartilhavam as suas experiências de adoção nas redes sociais. Foram conduzidas oito entrevistas entre abril e agosto de 2022 pela plataforma Google Meet, sendo quatro entrevistas com os adotantes (quatro homens e três mulheres), com duração aproximada de 1h20, e quatro entrevistas com os filhos, com duração aproximada de 50 minutos. Foram realizadas gravações de áudio, por dispositivo externo, que posteriormente foram transcritas literalmente e submetidas a análise.

### **Análise das Informações**

Os dados das entrevistas foram analisados utilizando o método da Análise Temática, que permite a identificação, descrição e análise de padrões encontrados no conjunto de dados (Braun & Clarke, 2019), sendo composto por seis etapas principais, sendo elas: 1) a familiarização com os dados; 2) a geração de códigos; 3) a procura por temas; 4) a revisão de temas; 5) a definição de temas; e 6) a produção de um relatório. Toda a análise foi orientada pelos dados, a partir da análise temática reflexiva. Posteriormente, foi realizada

a triangulação das informações dos casos, como proposto por Yin (2001), onde buscou-se integrar as experiências das quatro famílias, identificando especificidades, similaridades e diferenças.

### **Aspectos Éticos**

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFCSPA (CAAE nº 56251822.0.0.0000.5345) e está de acordo com os critérios estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde, na Resolução nº 466/2012 e na Resolução nº 510/2016. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o Termo de Assentimento (TA) e a Autorização de Participação do Filho Adolescente. Foram utilizados pseudônimos para se referir aos sujeitos da pesquisa, assim como foram realizadas modificações nas informações pessoais apresentadas para preservar o anonimato dos participantes.

## **Descrição dos Casos de Estudo**

### **Caso Família 1**

Élida, 36 anos, e Ruan, 37 anos, casados, adotaram Rique, que atualmente está com 15 anos. Élida e Ruan estavam cadastrados no programa de apadrinhamento afetivo de uma cidade do Rio Grande do Sul e eram padrinhos de Rique. Inicialmente, eles ainda não planejavam ter filhos e nem tinham a pretensão de iniciar um processo de adoção, eles apenas tinham o desejo de oferecer ao afilhado a possibilidade de ter uma referência afetiva de pessoas externas à casa de acolhimento, podendo contribuir para a ampliação da rede social de Rique. Até mesmo buscavam deixar bem explícito no começo, quando Rique perguntava se eles iriam adotá-lo, de que não estavam com essa pretensão da adoção e que seriam apenas padrinhos. Foi então a partir de uma manifestação de Rique sobre o desejo de ser adotado pelo casal, que a psicóloga responsável pelo processo de apadrinhamento do menino entrou em contato com a família perguntando se eles estavam interessados em realizar o processo de adoção.

O casal não tinha filhos biológicos e não apresentava história de infertilidade, contudo, não era um desejo de Élica passar pela experiência da gestação. A adoção surgiu como uma possibilidade para o casal pensar sobre o projeto de parentalidade. Como o casal havia se candidatado para a adoção de Rique e não haviam outras pessoas na fila de espera, o processo de adoção ocorreu de forma mais rápida. Dessa forma, Élica e Ruan não passaram pela fila de espera. Rique foi adotado aos 12 anos de idade e já convive com seus pais há 3 anos. Todo o processo foi acompanhado pela psicóloga que trabalhava na casa em que Rique vivia.

### **Caso Família 2**

Luana, 52 anos, e Fabrício, 46 anos, casados, concluíram a adoção de Anelise, uma adolescente que atualmente está com 17 anos. O casal realizou uma adoção tardia de grupos de irmãos. Dentre os filhos do casal, apenas Anelise foi adotada durante a adolescência, aos 14 anos. O casal já havia passado por um processo anterior de adoção, devido à impossibilidade de ter filhos biológicos. Contudo, o primeiro processo de adoção não foi concluído, por dificuldades do casal em elaborar a experiência de infertilidade. As experiências de Luana e Fabrício com crianças e adolescentes que viviam em espaços de acolhimento contribuíram para a formação de novos significados e de uma nova maturidade sobre a adoção, considerando-a como um caminho de exercer a parentalidade tão sonhada e, ao mesmo tempo, de transformar a realidade de crianças e adolescentes que estivessem esperando por uma família.

Frente a isso, após mais de 20 anos desde a primeira tentativa, o casal inicia um novo processo de adoção. Luana e Fabrício eram adeptos à adoção tardia e acreditavam ser uma opção favorável, por conta da autonomia que crianças mais velhas e adolescentes já apresentam. À princípio, a adoção seria apenas de um casal de crianças ou adolescentes, contudo, devido à indisponibilidade de uma dupla de irmãos para a adoção no estado de residência, o casal optou pela adoção de três irmãos, de forma a não separá-los. Todos estiveram em programa de acolhimento por três anos. Após

a habilitação e o aceite da família e do grupo de irmãos, a família passou pelo estágio de convivência e a adoção foi concluída. O processo, finalizado em 2019, foi acompanhado por uma psicóloga e por uma assistente social.

### **Caso Família 3**

Érico, 40 anos, solteiro, concluiu a adoção de Gabriel, que atualmente está com 13 anos de idade. Érico é pai solo e desde muito jovem já comentava com amigos e familiares sobre o seu desejo de ter um filho, independentemente de estar ou não em um relacionamento. Apesar de não apresentar história de infertilidade, Érico desejava ter um filho por adoção e esse desejo foi se intensificando ao longo do tempo. A iniciativa de buscar pelo processo surgiu a partir de uma reflexão do pai sobre a sua vida, projetos e objetivos concluídos.

Após sinalizar o desejo de se candidatar para a adoção, levou cinco meses para a habilitação de Érico. Inicialmente, o perfil desejado era de uma criança de 0 a 8 anos e 11 meses, contudo, esse perfil foi sendo ampliado a partir da aproximação de Érico com o tema da adoção tardia. Com a habilitação, ele conheceu o seu filho Gabriel por intermédio de grupos de busca ativa de adoção. Eles se aproximaram por meio de chamadas telefônicas, devido ao momento de pandemia. Após o estágio de convivência de três meses, Gabriel passou a morar com o seu pai em uma cidade do estado do Rio de Janeiro. Psicólogas e assistentes sociais participaram do processo adotivo de Érico e Gabriel, que foi concluído há 1 ano e 6 meses.

### **Caso Família 4**

Iara, 36 anos, e Ricardo, 32 anos, casados, concluíram a adoção de Dom, que atualmente está com 13 anos de idade. Iara não tinha o desejo de viver a experiência da gestação e o casal ainda não planejava ter filhos, foi apenas após conhecer a história de um menino que estudava na escola em que um familiar de Iara trabalhava que o casal resolveu buscar pelo processo. O casal soube que Dom estava incluído no programa de acolhimento há mais de cinco anos e que na escola apresentava

sintomas de ansiedade e reações emocionais relacionadas ao receio de não ser adotado. Inicialmente, o casal buscou pelo apadrinhamento afetivo para que pudesse oferecer outras referências e experiências para o menino, porém, o processo de apadrinhamento estava paralisado na cidade do Paraná em que o casal morava e então um dos profissionais do fórum sugeriu a adoção de Dom. Iara e Ricardo conversaram sobre a possibilidade de adoção e chegaram à decisão de formalizar o pedido.

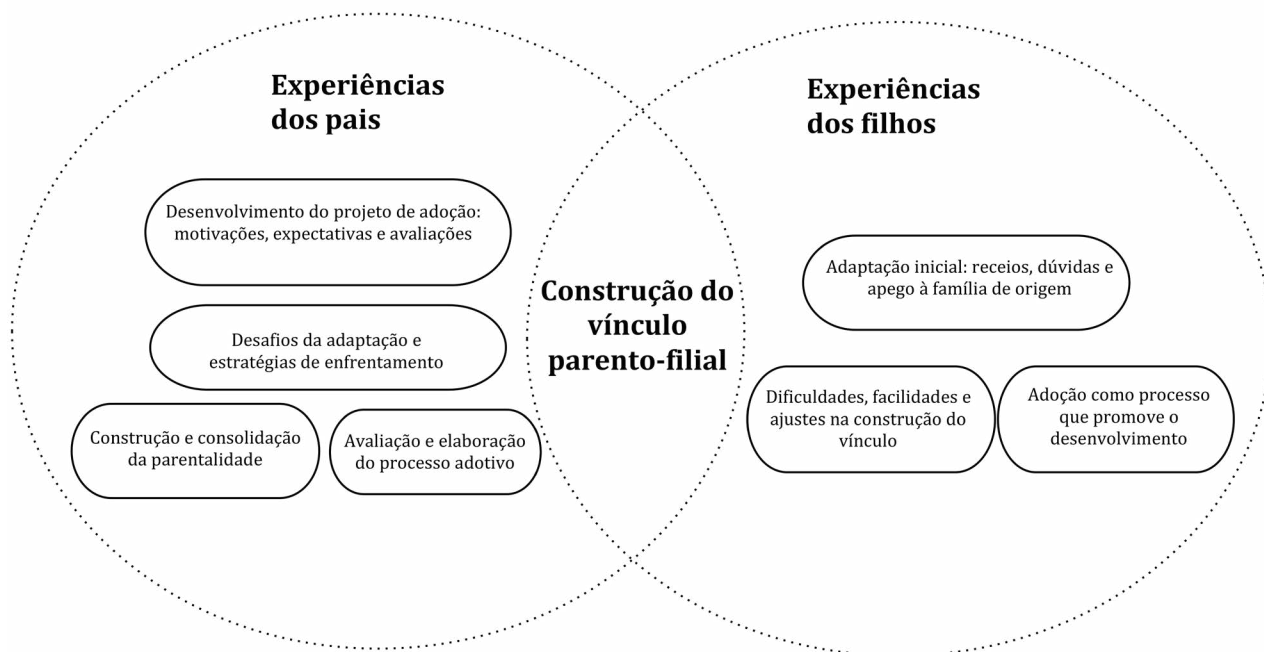
A família de origem de ambos já estava inserida de algum modo nesse universo da adoção, portanto, havia uma familiarização do casal com esse tipo de configuração familiar, o que influenciou também a motivação para iniciar esse processo. O processo como um todo, desde a habilitação até a oficialização do processo, foi acompanhado por um profissional da psicologia, que prestou orientações ao casal sobre a adoção e informações sobre a história de vida de Dom.

## Apresentação dos Resultados

Após a aplicação dos cinco passos iniciais de forma independente pela dupla de pesquisadoras, a análise temática levou a formação de quatro temas referentes às experiências dos pais e três temas referentes às experiências dos filhos. Os temas originados da pesquisa se encontram na Figura 1.

Figura 1

Mapa conceitual da análise temática referente às experiências dos pais e filhos sobre a construção do vínculo parento-filial



### Temas Referentes às Experiências dos Pais

#### ***Desenvolvimento do Projeto de Adoção: Motivações, Expectativas e Avaliações***

Esse tema reuniu as falas dos pais referentes ao início do projeto adotivo, o qual surgiu a partir de uma reflexão das experiências vividas pelos casais, das expectativas e desejos sobre a adoção e sobre a escolha pelo perfil do filho adolescente. De modo geral, os pais passaram por um processo de amadurecimento

do projeto adotivo, que envolveu uma avaliação das condições de cada casal e da relação conjugal: “[...] saber que a gente tava muito fortalecido enquanto casal, que era um espaço muito grande de diálogo e cumplicidade, fez com que a gente percebesse que a gente queria ter filhos e que a gente tava preparados pra ser pais por esse meio, pra ser pais do Dom, entende” (Família 4); da trajetória de vida: “[...] eu tava fazendo assim uma reflexão sobre a minha vida, pensando o que tava faltando na minha vida de concluir e o que que eu já tinha concluído e tal, e aí eu fui e tomei essa decisão” (Família 3), e dos reais desejos e motivações para a parentalidade. O amadurecimento sobre a adoção também envolveu a compreensão dos pais de que o projeto adotivo deveria priorizar o adolescente e não apenas o desejo da parentalidade e que deveria ser vivido sem muitas idealizações: “Quando a gente pensou de novo, a gente vai por causa de nós ou por causa deles? [...] se a gente pensar só em nós, a gente vai com aquele ideal de criança que muitas vezes não existe, né, a gente pode se frustrar e a gente vai fazer o que os pais biológicos talvez fizeram, que é abandonar de novo...” (Família 2).

Para algumas famílias (n = 3), a adoção aparece como uma alternativa de exercício da parentalidade, tendo em vista o não interesse pela filiação biológica: “[...] cada vez mais fui percebendo que não me interessava, que eu não gostava muito da ideia de gerar, inclusive eu tinha medo e que não me importava com esse negócio de que ‘ah, precisa ser biológico’, não fazia muito sentido” (Família 4). Já uma das famílias recorreu à adoção por conta da história de infertilidade vivida pelo casal: “[...] a questão de ter nossos filhos, natural, né, como se diz, era complicado e aí a gente entendeu, conversamos que seria um caminho interessante, né, porque a gente queria ter essa experiência de ser pais [...]” (Família 2).

O interesse em adotar um adolescente também foi reforçado, devido às condições e rotina dos casais (n = 3): “[...] ele vai ter que aprender a ser inserido nesse meio e entender que a nossa rotina é essa. Talvez até por isso também que a gente preferiu um adolescente, né” (Família 1) e “[...] a gente chegou pra adoção querendo que fosse uma criança mais velha mesmo, porque nenhum dos dois tinha muito

o perfil de ter um bebê em casa, sabe” (Família 4). Já uma família flexibilizou o perfil escolhido, devido à aproximação com a adoção tardia e pela convivência com outros adolescentes: “Eu tô estudando, tô lendo, tô fazendo parte de grupo de apoio à adoção... e, eu sou professor, e trabalho em duas escolas e na época eu trabalhava numa escola que tinha crianças até 14/15 anos e aí eu ficava olhando praquelas crianças todas, eram todos pequenininhos, então eu olhava pra eles assim e ficava pensando na possibilidade de eu ser pai de uma criança maior” (Família 3).

Assim, podemos destacar que os fatores que mais se destacaram no conjunto dos relatos analisados foram: o desejo de ter filhos pela via da adoção; o fortalecimento como casal, com ambos se sentindo preparados para a filiação; o amadurecimento do plano adotivo, possibilitado por meio da reflexão sobre a trajetória de vida; a priorização do melhor interesse do adolescente e o afastamento do projeto narcísico de ideal de filho; a facilidade do adolescente em se adaptar à rotina familiar, tendo em vista a maior autonomia e independência. Esses aspectos dão indicativos sobre as motivações, expectativas e avaliações que marcaram o início da trajetória com a adoção e uma nova mudança no ciclo vital dos adotantes.

### ***Desafios da Adaptação e Estratégias de Enfrentamento***

Apesar do desejo da adoção, os pais apresentaram em seus relatos um misto de sentimentos durante o processo, duvidando em alguns momentos do seu exercício parental e de sua capacidade em enfrentar os desafios, ilustrada na fala da Família 3: “[...] eu tinha um medo de não dar certo, mas eu fui na cara e na coragem, porque eu tinha certeza de que ele era o meu filho, por mais medo que eu tinha, eu tinha muita certeza assim, absoluta certeza, mas eu tinha medo, não vou dizer pra você que eu não tinha medo, que às vezes eu ia pro banheiro e chorava, entendeu?”. Tais sentimentos estavam associados às oscilações do processo adaptativo, repleto de avanços, retornos e mudanças: “[...] toda vez que a gente avançava numa parte do processo, a gente tinha até aqueles

momentos de euforia, tipo assim ‘Ah, nossa, olha que legal, olha as coisas acontecendo, olhas as coisas caminhando’ e tal, então assim, foi... foi muita insegurança, não pelas ações em si, mas assim aquela parte que você fica questionando a sua capacidade” (Família 4).

Além das reações dos pais frente aos desafios vividos, as nuances do processo também estavam relacionadas às reações de pessoas da rede social dos adotantes: “foi muito difícil assim, porque já tinha muito estigmas, então assim, a família, apesar de ser muito aberta pra adoção, a gente já tinha ouvido... antes dele chegar mesmo algumas coisas preconceituosas, inclusive, relacionadas à adoção [...] a pior coisa era o sentimento de solidão que a gente tinha” (Família 4); “[...] indiretamente diziam que não era pra mim adotar uma criança grande, né, assim... uns já eram contra, porque ‘Ah, tem que ser pequena pra você botar do seu jeito, que um grande não vai te respeitar’, até a minha mãe, entre aspas, ficou com esse medo no início, sabe, minha mãe tinha esse receio, que ele não ia me respeitar, que ia ser isso, que ia ser aquilo outro” (Família 3); e às resistências dos adolescentes frente à aproximação dos pais adotivos: “Ele tinha... um comportamento pra afastar mesmo, sabe, pra afastar a gente é... extremamente egoísta assim em vários momentos assim, hã... e uma sensação de... de autopreservação, sabe, tipo assim, eu vou fazer tudo pra que não dê certo” (Família 4).

Frente a essas dificuldades, os pais empreenderam esforços para superar os desafios. O conhecimento prévio dos pais sobre as dificuldades que poderiam surgir foi importante: “Se você tiver mais ou menos ciente do que pode acontecer, quando acontecer, você já não ficar tão surpreendido com aquilo né, aí você vai: ‘ah tá, eu já... já tenho assim alguma estratégia pra eu me... pra eu me sair bem, né, dessa situação’”. (Família 3), assim como a reflexão sobre as dificuldades vividas pelos filhos: “Eles estão perdidos... por que que eles têm que ir pro novo? Por que eles têm que aceitar tudo que tá vindo? O que que faz com o que tá lá atrás?, então pra aprender lidar com isso aí e aí tem dificuldade de falar com os novos pais, de se adaptar na nova família, então, né” (Família 2).

Ao reconhecer que haveria um certo receio dos filhos com a aproximação, os pais acharam

importante enfatizar que a devolução não ocorreria e que os desafios seriam superados: “Não era uma criança recém-nascida, né, é... tinha passado já os perrengues, enfim, né. Já vinha de uma... um lar que tinha certo desestruturação, enfim. E que isso muitas vezes era motivo para muitos casais, inclusive, deixarem de fazer apadrinhamento, ou casos inclusive de devolução da adoção, de reversão da adoção, né. Por mais das dificuldades que a gente tivesse ou que a gente tinha, han... isso nunca aconteceria, né, porque se fosse o nosso filho biológico, a gente... (Ruan: não vai devolver para a barriga, né) devolve pra quem né? (risos)” (Família 1).

O enfrentamento dos desafios envolveu a constante adaptação, avaliação e reavaliação do relacionamento, das atitudes e das práticas que estavam sendo adotadas: “Na trajetória teve muito que a gente teve que rever em vários momentos, a gente tinha uma solução e a gente tinha que falar ‘Viu, pera aí isso não funcionou’” (Família 4) e “Então, aprendo todo dia, né, todo dia eu aprendo um pouquinho, todo, todo dia. Erro as vezes, mas eu tento acertar mais...” (Família 3).

Nesse processo, foi fundamental a complementaridade dos pais na resolução de problemas e dos conflitos, assim como o trabalho conjunto entre pais e filhos para se chegar em soluções, ilustrado na fala da Família 2: “A gente não consegue sozinho, um cobre o outro, um faz o outro trocar a fralda, o outro leva pra escola, o outro faz o café, o outro quando tá estressado, um cuida mais das crianças naquele dia, o outro cuida das crianças no outro dia...” (Família 2). Além do diálogo entre pais e filhos: “A forma como a gente se fortalece e começa a construção é assim, é um diálogo constante sabe, não é assim dialogar só quando vem um problema, são diálogos constantes sempre que surge a oportunidade, sabe” (Família 4).

A partir dos relatos apresentados, foram evidenciados desafios na trajetória de adoção, como os medos e inseguranças, as dúvidas em relação à própria capacidade de superar as dificuldades; a sensação de solidão e a falta de apoio social frente às dificuldades; percepção de resistência dos filhos adotivos em relação à vinculação. Contudo, ao mesmo tempo que as dificuldades foram



elencadas, os entrevistados destacaram estratégias de enfrentamento que fizeram a diferença: conhecimento prévio sobre os desafios da adoção; reflexão constante sobre as dificuldades manifestadas pelos filhos; perspectiva de “não devolver a criança”, incentivando um esforço de adaptação; reavaliação da situação e adaptação constante aos desafios; diálogo e união do casal e diálogo com os filhos.

### ***Construção e Consolidação da Parentalidade***

O relato dos pais demonstrou uma construção gradual da parentalidade, com o surgimento de novas tarefas e desafios no decorrer do processo. Os pais destacaram, em um primeiro momento, a necessidade de construir um laço afetivo, afirmando os vínculos familiares, se aproximando dos filhos e da sua história, gerando conexões e expressando afeto. Isso fica ilustrado na seguinte fala da Família 3: “Aí um dia eu virei pra ele e falei com ele que ele podia dizer o quanto ele quisesse que eu não era pai dele, porque eu era pai dele sim, né, é... que se ele fugisse, fosse embora, eu ia atrás dele e ia buscar quantas vezes fosse preciso, né, e aí isso tudo foi mostrando pra ele e ele foi entendendo assim ‘Não, realmente, realmente, é’, porque até então, ninguém nunca tinha lutado por ele dessa forma” (Família 3).

A consolidação do vínculo familiar passou pela participação e apoio da família extensa, que fortaleceram o senso de pertencimento do filho adotivo: “[...] então é legal assim, sabe... ele se sentindo seguro no processo, que existem mais pessoas que também olham por ele. Isso foi legal pra que ele se sentisse mais integrado ao mundo e às pessoas” (Família 4); “E realmente assim, que nem eu digo, começa as primas vendo realmente como primo, e... eram coisas que ele não tinha, né, aí começa a entrar um monte de tio, um monte de tia, avó, avô, né, aí os amigos mesmo, assim, né” (Família 1).

Notou-se também uma transformação do vínculo, indo de uma relação de tutela para uma relação de pais e filhos, com o desenvolvimento de um senso de cuidado e de proteção: “Você consegue ver a diferença, mas primeiro era a responsabilidade, eram coisas, vamos dizer legais, coisas que diziam respeito à lei, e agora é do cuidado, mesmo, porque

daí a gente já tem isso inserido” (Família 1) e “[...] esse meu sentimento com ele hoje é muito de... de querer que cresça, de querer que desenvolva, de querer que dê fruto, sabe, é isso” (Família 4), e depois pelo desenvolvimento das tarefas parentais relacionadas à educação e criação dos filhos: “Sempre muito com essa questão de apoiar um ao outro, de tentar mostrar pra ele, né, o dia a dia, o que é certo, o que é errado, qual o melhor caminho, que a gente tá aqui pra ajudar ele” (Família 1) e “Esse exercício nosso com a Anelise, ela sabe, eu deixo ela ir todo dia trabalhar a pé e voltar a pé, porque faz parte do exercício da paternidade, dela assumir a responsabilidade dela, às vezes ela pede pra eu levar ela e eu não, mas ela sabe que choveu, meu pai vai vim me buscar, né, então...” (Família 2).

Nos relatos dos pais, foi possível observar que a constante afirmação do afeto e dos vínculos familiares, a participação ativa da família extensa na construção do senso de família e de pertencimento, a construção de vínculos pautados em relações positivas, apoiadoras e afetivas, a formação de atitudes parentais e o desenvolvimento de desejos e projetos relacionados ao filho, apontaram o caminho percorrido para que a parentalidade fosse construída e consolidada.

### ***Avaliação e Elaboração do Processo Adotivo***

Após a consolidação do vínculo e dos papéis, os pais trouxeram em seus relatos um processo de avaliação do processo adotivo como um todo, considerando os desafios como importantes para a formação de uma relação mais sólida e duradoura e para o desenvolvimento dos filhos: “É um, um desafio diário, né, tudo... sempre tem alguma coisa e tal, mas esse trabalho a gente viu que ele fortaleceu a relação [...] quando tu passou por esse problema, quando tu saiu dali, pelo menos tu conseguiu construir algo mais duradouro, mais forte” (Família 1) e “A gente tinha arranca rabo, às vezes era feio assim mesmo, sabe, tipo ‘pelo amor de Deus, o que que tá acontecendo?’, mas toda vez que a gente tinha, e isso, dava uns dois, às vezes nem isso, dava um, outro dia, a gente sempre via um esforço muito grande do Dom em tentar seguir naquela direção que a gente tava apontando, sabe” (Família 4). Ainda puderam

concluir que as dificuldades pelas quais passaram no processo de educação dos filhos são também dificuldades vividas por outras famílias com filhos adolescentes e que não se restringem ao aspecto da adoção, embora tenham variáveis específicas desse contexto: “A gente olha e fala assim ‘Aconteceu alguma coisa, não, isso não tem a ver com o processo de adoção’, quer dizer, o processo de adoção pode até ter alguma coisa no meio... mas não é isso em si, sabe, pode ser isso também ou de alguma forma ou em certa medida, né, mas a gente entende que não, é porque é adolescente! [ênfatisa]” (Família 4).

A percepção, das famílias, de que os desafios são permanentes, mas geram aprendizados significativos e a constatação de que muitos problemas não são exclusivos da adoção, mas também atingem as famílias biológicas, uma vez que são questões próprias da adolescência, foram duas questões que evidenciam um olhar mais amplo sobre a história de adoção, sugerindo um processo de avaliação e elaboração do processo adotivo.

### **Temas Referentes às Experiências dos Filhos**

#### ***Adaptação Inicial: Receios, Dúvidas e Apego à Família de Origem***

Nos relatos dos adolescentes foi predominante uma flutuação entre a esperança de ser adotado e as baixas expectativas quanto a essa possibilidade: “Foi meio que sentimento de ‘eu acho que vai dar errado’. Primeiro eu achei que ia dar errado, mas depois eu falei ‘não fique pensando assim, se não... se não der tá tudo bem, você vai ter outras chances’” (Dom). Isso ocorreu pelos adolescentes terem acompanhado as experiências de outros adolescentes abrigados: “É que assim, eu convivi com outros meninos lá na casa lar e daí eles foram, daí eles comentavam como é que foi, como é que não foi e... daí eles tiveram diversas experiências, né, e... mas a maioria voltava, porque não se davam bem” (Rique), e, devido à idade e ao tempo que passaram no abrigo, também passaram a compreender que não teriam a possibilidade de serem adotados e de terem uma família: “[...] que lá quando cê faz 18, cê sai... eu achei que eu poderia ficar lá até essa idade, não conseguir uma família, que

não ia conseguir... que ninguém ia querer me adotar... isso passou bastante pela minha cabeça” (Dom) e “É que lá dentro, tipo assim, tinham as monitoras que falavam que eu e meu irmão não tínhamos a chance de ser adotado por causa da nossa idade...” (Anelise).

As baixas expectativas com a adoção afetavam o modo como os adolescentes interagiam com os pais adotivos. Anelise, por exemplo, não se permitia aproximar-se dos pais: “Aí quando foram lá, eu coloquei na minha cabeça que não tinha chance, então vou ficar aqui. Aí eu pensei: como não tenho chance, vou ficar aqui e eles brincam lá com eles lá e eu tô de boa na minha...” (Anelise).

No início da adaptação, houve dúvidas quanto à possibilidade de dar certo e vários sentimentos diferentes emergiram nesse processo: “Quando eu vim aqui pra casa, eu tive o mesmo sentimento tipo de, será que vai dar errado? será que vai dar tudo certo?” (Dom) e “[...] desde aquele momento lá que a gente, que eu conheci ele, parece que o meu coração se juntou a ele e a minha vida mudou... Aí veio alguns sentimento ruins, péssimos, depois quando eu fui me acostumar a chamar ele de pai meus sentimentos foram tudo embora...” (Gabriel).

Dois adolescentes acreditavam que o vínculo adotivo poderia ser desfeito e apresentavam dificuldades em estabelecer o vínculo, resistindo às aproximações dos pais e se isolando em alguns momentos: “Eu achava que não ia conseguir me adaptar, que ia dar errado, daí eu me isolava, ficava sozinho, eu começava a fazer, eu não começava a conversar, eu mentia, eu começava a guardar só pra mim” (Dom); “Eu sei que eu tenho que conversar, que eu tenho que falar, externalizar o que eu tô passando, né, mas eu mesma não gosto de falar. Eu não consigo...” (Anelise).

As dúvidas vividas muitas vezes estavam relacionadas a como seria a relação com a nova família. Assim, no início da adaptação, as primeiras dificuldades surgiram e estavam relacionadas às diferenças entre as experiências vividas, que foram difíceis de serem integradas nos primeiros tempos de adaptação: “Foi difícil né, porque era uma rotina totalmente diferente da minha, né, eles tinham o costume de ir na igreja, eles fazem... eles têm reunião junto com a igreja e eu não tinha esse costume...

porque eu ia pra escola, voltava da escola, ia lá pra casa de novo... e eu só ficava com os meus irmãos, a gente... eu brincava com as meninas lá dentro... e era isso eu tinha totalmente diferente a realidade que eu não conhecia que era a deles..." (Anelise) e "Lá eu acho que tinha 13 pessoas junto comigo todos os dias e aqui eu cheguei aqui e parecia... a pessoa no começo sente esse desconforto e aí depois eu fui me acostumando" (Rique).

No processo de adaptação, os adolescentes (n = 4) também refletiam sobre os aspectos de vulnerabilidade na família biológica: "[...] o meu padrasto... é, fazia muita... batia muito na minha mãe e em mim, e aí eu resolvi separar, resolvi separar e ter uma família nova" (Gabriel). Contudo, apesar dessa compreensão dos problemas vividos por alguns, outros demonstravam uma ligação emocional com a família de origem e com as pessoas do abrigo, necessitando de tempo para se acostumar com a ideia de terem uma nova família e do apoio dos pais para elaborar experiências anteriores: "Eu sabendo que eu tinha uma mãe, eu não queria substituir ela, entendeu... mãe que é mãe, é mãe, né... Não se substitui... mas aí o tempo foi passando e eu vi que com aquela situação que ela fez acho que não cabia mais..." (Anelise).

Em suma, nos relatos dos adolescentes ficou evidente: uma oscilação entre pessimismo (vai dar errado) e esperança da adoção ser bem-sucedida; baixas expectativas quanto à adoção e quanto à possibilidade de receber afeto de uma família, dificultando a formação do vínculo; a percepção sobre a dificuldade de um adolescente ser adotado, em função da idade e do tempo de permanência na instituição; medo de não se adaptar à nova vida, aos novos costumes e a uma nova rotina; o isolamento e a dificuldade de expressar os sentimentos sobre o processo, e o apego à família de origem apesar da consciência de suas fragilidades. Tais aspectos foram marcantes no processo inicial de adaptação vivido pelos adolescentes.

### ***Dificuldades, Facilidades e Ajustes na Construção do Vínculo Parento-filial***

As divergências que se estabeleceram no estágio de adaptação, segundo os adolescentes,

possibilitaram reflexões e mudanças: "...vai ter momentos de briga, de felicidade, e eu acho que é nesses momentos que tu vai aprendendo cada vez mais. Que até tu entender o porquê que aquela pessoa tá te xingando e tu parar para pensar, né, porque, porque que ela me xingou, né, o que que eu fiz de errado... e se a pessoa fez alguma coisa errada vai lá e... tenta resolver né..." (Rique).

Em vários momentos, os adolescentes relataram a importância de conhecer e compreender o outro, a consideração dos pais sobre suas histórias de vida e a expressão de sentimentos como chaves para a relação ser construída: "Precisa entender quem tá na tua volta, o que a pessoa gosta, o que que ela não gosta... da nossa relação que hoje tá muito melhor, porque... porque foi em questão do amor, dos sentimentos um do outro e de todos se preocupar um com o outro. E de entender o outro, sempre entendendo... e o respeito também eu acho que ajudou bastante..." (Rique) e "Eles entenderam tudo, entendem tudo até hoje, sabem da minha história, eles tentam me ajudar, né, porque o passado não tem como esquecer, eu tento esquecer, mas né, o passado a gente nunca se esquece... A gente conversa sempre, tanto de lidar com saudades, a gente conversa sobre o assunto..." (Anelise).

Os adolescentes destacaram como facilitadores a percepção de que a adoção seria uma chance de ter uma vida diferente, por intermédio da qual eles poderiam ter a sua individualidade e receber cuidado: "[...] como eu não tive o amor da minha mãe [biológica] eu posso ter agora, né, posso ter essa chance de ter o que eu não tive no passado" (Anelise); "Depois de dois meses consegui, já ter uma família. A outra foi ter um cachorro, com seis meses agora, é... é... a outra ter uma festa de aniversário, poder ter uma festa de aniversário com os amigos" (Dom). Essa percepção das novas coisas que poderiam ser vividas contribuiu para uma valorização dos pais adotivos: "Eu fiquei tão alegre quando ele falou assim: 'Eu vou te ensinar a ler'. Porque não tem nenhum pai que faça isso pro filho" (Gabriel).

Os adolescentes trouxeram como importante a integração com a família extensa e o reconhecimento desta: "A minha avó, falou até pro meu pai: 'ó, ele se parece muito com você', aí foi

nessa hora, eu falei assim: ‘sério, minha vó, eu me pareço muito com meu pai?’. Eu fiquei tão nervoso quando ela disse isso, eu fiquei tão alegre, meu coração tava querendo disparar” (Gabriel) e “Aham, porque assim... eu achei bom ter tio, avó, primo e achei bom eles terem me acolhido, terem achado bom eu estar na família, é isso” (Dom). Além disso, os momentos entre pais e filhos foram comentados por todos, uma vez que possibilitaram a construção do senso de família: “Foi lá quando eu tava sendo adotado, eu acho, que nós fomos no museu, ali nós fizemos várias brincadeiras, várias coisas legais e... ali também eu vi que criou um vínculo entre nós, aí depois nós fomos em uma sorveteria, ali eu vi que... era mais alguma coisa, e até as conversas que a gente tinha, acho que essas coisas todas ajudou a criar o vínculo...” (Rique).

O processo de vinculação também passou pela avaliação do que precisaria ser ajustado, organizado e melhorado: “Mas com o tempo eu vou vendo o que eu tenho que melhorar e... eles também...” (Rique); e pelas estratégias utilizadas por pais e filhos em casos de conflitos e discussões: “Meu pai deu uma briga comigo, aí depois eu fui pro meu quarto, aí depois eu pedi desculpa e depois eu pedi perdão e dei um beijo nele e abracei ele, porque a gente fez uma promessa quando a gente tá triste ou chateado, a gente dá um beijo, um abraço e sai” (Gabriel).

Neste tema, os relatos destacaram os seguintes pontos: percepção de que as divergências são naturais e que os conflitos familiares podem gerar aprendizado; a valorização do fato dos pais demonstrarem compreensão e respeito acerca da história de vida anterior à adoção; a percepção de que a adoção seria uma chance de ter uma vida diferente, vivendo experiências que não tiveram anteriormente, recebendo cuidado e tendo sua individualidade considerada; a integração com a família extensa; a construção gradativa do vínculo e do senso de família; consciência das dificuldades a serem superadas e da busca conjunta de estratégias para resolver os conflitos. Por meio desses aspectos, foi possível perceber que, na formação do vínculo, ao mesmo tempo em que exigem as dificuldades, também existem oportunidades para ajustar e

organizar as relações afetivas.

### ***Adoção como Processo que Promove o Desenvolvimento***

Esse tema agrupou as falas dos adolescentes sobre os efeitos positivos da família adotiva em suas vidas, em relação ao desenvolvimento pessoal, com a aquisição de novos comportamentos e de maturidade: “[...] mas hoje eu já tenho um pouco mais de maturidade sobre o que é certo e errado, então às vezes eu penso no que eu vou fazer, porque se eu faço vai saber se aquilo lá dá errado... ou prejudicar alguém...” (Rique); e à ampliação do desenvolvimento cognitivo: “Porque quando... eu não sabia ler naquela época quando meu pai me adotou, eu não sabia ler. Aí meu pai me prometeu assim, falou assim: ‘filho, eu... você não sabe ler né?’. Aí ele me ensinou a ler...” (Gabriel).

Além disso, eles destacam que a família adotiva os ajudou a lidar e expressar melhor os seus sentimentos: “[...] porque eu era muito ansioso pra fazer as coisas, meu pai chegava a falar pra mim ‘você tem muita ansiedade, meu filho’... aí eu comecei a parar com essa ansiedade...” (Gabriel); além de ajudar na socialização e na inserção comunitária e social: “Quando eu fui para a escola, eu tava indo para uma escola nova onde eu não conhecia as pessoas, daí eu comecei a estudar lá, e... eu consegui uma semana depois fazer alguns amigos que eu tenho...” (Dom).

Destaca-se, neste item, uma visão positiva da adoção através dos relatos de amadurecimento e desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e moral como efeitos do convívio familiar.

### **Discussão e Integração dos Casos**

Nesta seção, será realizada a síntese dos casos cruzados proposta pelo método de Yin (2001) de forma conjunta à discussão teórica sobre os resultados da análise temática, buscando uma compreensão integrada do vínculo entre pais e filhos, a partir das experiências de ambos.

Neste estudo, os pais demonstraram priorizar o que seria importante para os filhos adotivos,

apresentando concepções alinhadas com uma nova cultura da adoção (Rinaldi, 2019). Outrossim, podemos inferir que o contato com a adoção tardia e as orientações de técnicos do judiciário contribuíram para a ampliação do perfil escolhido por Érico e para a preparação dos demais pais, corroborando com o apontado por Fiorott et al. (2021), Pasin et al. (2022) e Silva et al. (2022) sobre a potência desses recursos no que diz respeito à mudança de concepções sobre a adoção e na preparação dos pais para a trajetória a ser percorrida. Além disso, as motivações que levaram os pais à adoção podem ser caracterizadas como adequadas (Silva et al. 2020), tais como o desejo pelo exercício da parentalidade e de construção de uma relação efetivamente familiar, acolhendo o filho e o inserindo na família. Esse desejo pela adoção fez com que todas as famílias construíssem estratégias para lidar com os desafios ao longo do processo, não colocando as dificuldades como empecilhos incontornáveis, da mesma forma que os participantes do estudo de Queiroz e Brito (2013). Ademais, o processo foi vivido pelos quatro casos com naturalidade, sem romantização e excessiva idealização dos filhos (Fiorott et al., 2021).

Enquanto, os casais das famílias 1, 2 e 4 se apoiavam mutuamente, Érico esteve sozinho na resolução dos problemas da adaptação com o filho, trazendo esse aspecto como uma dificuldade para o seu processo adotivo. Em famílias monoparentais adotivas, a rede de apoio, a participação da família extensa e o apoio psicológico têm papel fundamental na adaptação familiar (Biassutti & Nascimento, 2021), uma vez que os pais solo não possuem um cônjuge ou companheiro para compartilhar as responsabilidades provenientes dos cuidados com o filho.

A rede de apoio tem importância inegável para qualquer processo adotivo, uma vez que contribui para que os desafios vividos pelos pais possam ser superados (Machemer & Frizzo, 2021). Dessa forma, quando a própria rede apresenta concepções estigmatizadas sobre a adoção, os pais podem se sentir inseguros, solitários e até mesmo desamparados no processo (Lima et al., 2020), como no caso dos pais deste estudo, que relataram esse aspecto como um desafio no início da adaptação.

Luana e Fabrício, Lara e Ricardo, e Érico destacaram que, durante a aproximação com os filhos, eles apresentavam comportamentos evitativos e confrontantes, enquanto Élica e Ruan relataram algumas dificuldades de entendimento com o filho. Lima et al. (2020) abordam os desafios dos pais na formação do vínculo, tendo em vista a possibilidade que os filhos mais velhos possuem de argumentar e contestar. Silva et al. (2022) destacam que todo o processo de construção do vínculo é dado de forma delicada e com mobilização emocional, dessa forma, as dificuldades iniciais podem gerar medo e insegurança (Peixoto et al., 2019), sentimentos bastante frequentes entre as quatro famílias.

Estudos apontam que os comportamentos difíceis e a dificuldade de estabelecer vínculos são comuns, devido à história difícil dos adotandos (Fernandes & Santos, 2019; Paulina et al., 2018; Pordeus & Viana, 2020; Sampaio et al., 2018; Wright & Flynn, 2006). Os filhos podem projetar sentimentos hostis nos pais, sendo importantes que os pais possam tolerá-los para fornecer ao filho mais segurança e continência (Lima et al., 2020). Os pais Érico, Luana e Fabrício se mostraram contínuos a essas projeções, reforçando ao passo disso o vínculo familiar e instaurando um senso de confiança sobre a estabilidade da relação. Ademais, a dificuldade em estabelecer vínculos também pode ocorrer por conta do apego emocional com a família de origem (Alvarenga & Bittencourt, 2013). Embora os pais (Famílias 2, 3 e 4) tenham citado sobre o apego emocional dos filhos com a família de origem, apenas Anelise trouxe esses elementos na entrevista.

Dom, Gabriel e Rique apresentavam dúvidas sobre a adoção, enquanto Anelise acreditava que não seria cuidada e amada pelos pais. Os pais de Anelise, por sua vez, destacaram a dificuldade da filha em aceitar as demonstrações de afeto que tinham com ela, sendo esta dificuldade dos filhos em compreender as demonstrações de afeto da família algo abordado por Pasin et al. (2022). Desta maneira, é preciso que os filhos adotivos estejam preparados para ingressar em uma nova família (Alvarenga & Bittencourt, 2013) e que os pais busquem conhecer a trajetória dos filhos, podendo acolhê-los (Costa & Rossetti-Ferreira, 2007), ajudá-los na elaboração

de suas vivências (Hueb, 2016) e na reapropriação e ressignificação de suas histórias (Alvarenga & Bittencourt, 2013; Pordeus & Viana, 2020). Neste estudo, todos os adolescentes disseram que os pais foram respeitosos e acolhedores com suas histórias de vida, ajudando-os no processo de compreensão e reflexão sobre essas vivências, pontos importantes também abordados por Bicca e Grzybowski (2014).

Os espaços de acolhimento são relevantes na formação da identidade dos adotandos (Alvarenga & Bittencourt, 2013) e influenciam na construção de hábitos e costumes. Anelise, Rique, Dom e Gabriel estiveram por mais de dois anos em espaços de acolhimento e relataram dificuldades de adaptação, dadas as diferenças entre o novo espaço familiar e as dinâmicas da casa lar. Nos casos das famílias 1 e 4, os pais precisaram ajudar Dom e Rique na aquisição de comportamentos mais adequados, o que foi possível através de orientações, acordos e diálogos. Isso favorece a adaptação à nova realidade (Hueb, 2016) e o desenvolvimento de novos comportamentos (Peixoto et al., 2019).

Fernandes & Santos (2019) ressaltam a necessidade de os pais criarem espaços para que o filho se perceba como parte da família. Para todos os adolescentes desta pesquisa, os momentos de troca entre pais e filhos e com a família extensa foram facilitadores para a efetiva construção do vínculo parento-filial, que passou por dois momentos: o primeiro com o estabelecimento da proximidade, e o segundo com o estabelecimento de papéis parentais e filiais, passando por um processo de “construção, estabelecimento e fortalecimento” das relações (Pasin et al., 2022, p. 22). Nesse processo, a participação da família extensa é essencial, pois ajuda a promover a efetiva integração do filho e o senso de pertencimento (Lima et al., 2020).

Por fim, a avaliação do processo adotivo, realizada pelos pais e pelos filhos, apoiou a construção de significados e a elaboração de toda a trajetória vivida. Élide e Ruan, Lara e Ricardo, e Luana e Fabrício compreendem que os desafios vividos na educação dos filhos eram semelhantes aos desafios enfrentados por outras famílias, demonstrando a compreensão de que alguns dos comportamentos dos filhos estavam mais relacionados à adolescência

do que propriamente à adoção (Pasin et al., 2022). Além disso, Érico e o casal Luana e Fabrício também destacaram não perceberem diferenças entre a filiação biológica e adotiva, visto que já assumiram que eram pais desde a chegada dos adolescentes. Assim, conforme Machado et al. (2015), independentemente da forma como a família é construída, as funções exercidas pelos pais e pelos filhos constituem os fatores que realmente fazem a diferença no sucesso ou fracasso da relação familiar. O sucesso da relação familiar, nos casos apresentados, pode ser visualizado através dos esforços dos pais em demonstrar uma forma saudável de relacionamento (Winnicott, 1965/2005) e em transformar padrões de apego (Bowlby, 1995).

### **Considerações Finais**

Esta pesquisa buscou trazer elementos relativos à construção dos vínculos parentais-filiais no contexto de adoção de adolescentes. A análise temática e a discussão dos casos de forma integrada apontaram para as características do processo adotivo das famílias, considerando as singularidades de cada processo, as dificuldades, as estratégias de enfrentamento e as avaliações e percepções da dupla pais-filhos. O acolhimento e apoio dos pais para com os filhos, a participação da família extensa, a formação de espaços de proximidade e a avaliação positiva do processo adotivo foram importantes para o fortalecimento do vínculo parento-filial.

Tendo em vista as características das famílias participantes, que apresentavam situação econômica, renda familiar e escolaridade alta, faz-se importante explorar a realidade de outras famílias por adoção de adolescentes, uma vez que essas características podem ter influenciado nas estratégias que os pais utilizaram para a construção do vínculo. Lara, formada em Serviço Social, e Rodolfo, professor, conseguiram implementar um sistema para ajudar o filho a refletir sobre o processo adotivo, e Érico, também professor, conseguiu ajudar o filho com as questões de atraso escolar. Deste modo, fatores como a formação e a profissão podem ter influenciado no modo com que os pais lidaram com o filho nesse processo.

Apesar dos desafios vividos, os pais conseguiram estabelecer a relação com os filhos a partir da disponibilidade para acolhê-los e aceitá-los. Para a dupla pais-filhos, a adoção tardia foi positiva, porque possibilitou aos pais o exercício da parentalidade com o estabelecimento de uma relação de cuidado e de proteção, e aos filhos um lar afetivo, onde puderam estabelecer relações saudáveis e desenvolver novos comportamentos e hábitos. Os pais deste estudo demonstraram que as dificuldades encontradas podem ser enfrentadas ao longo do processo e que a história de vida dos filhos, muitas vezes alvo de estigmas por parte de adotantes, deve ser acolhida para que a vinculação seja efetiva. Além disso, a participação da rede de apoio e da família extensa pode ser um recurso potente para a construção do vínculo.

## Referências

- Alvarenga, L. L., & Bittencourt, M. I. G. (2013). A delicada construção de um vínculo de filiação: o papel do psicólogo em processos de adoção. *Pensando Famílias, 17*(1), 41-53. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2013000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100005&lng=pt&tlng=pt)
- Alves, J. R., & Hueb, M. F. D. (2022). Um estudo de caso sobre a adoção de uma criança mais velha. *Revista da SPAGESP, 23*(1), 71-86. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702022000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702022000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Araujo, A. I. S. F., & Faro, A. (2017). Motivações, dificuldades e expectativas acerca da adoção: perspectivas de futuros pais adotivos. *Psicologia em Revista, 23*(3), 790-810. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n3p790-810>
- Assis, S. G., & Avanci, J. Q. (2004). O adolescente e sua família: prismas que constroem o 'eu'. In *Labirinto de espelhos: formação da autoestima na infância e na adolescência* (pp. 81-128). Fiocruz. Recuperado de <https://static.scielo.org/scielobooks/vdywc/pdf/assis-9788575413333.pdf>
- Baldessar, J. C., & Castro, A. (2019). Representações sociais da adoção tardia: a busca pelo filho ideal. *Revista Multidisciplinar e de Psicologia, 13*(47), 208-224. <https://doi.org/10.14295/online.v13i47.1962>
- Barroso, R., Barbosa-Ducharne, & Coelho, V. (2018). Como é vivida a adoção na adolescência? Construção de um questionário de sentimentos relacionados com a adoção. *Análise Psicológica, 2*(36), 235-246. <http://doi: 10.14417/ap.1376>
- Biassutti, C. M., & Nascimento, C. R. R. (2021). O processo de adoção na família monoparental. *Journal of Human Growth and Development, 31*(1), 47-57. <http://dx.doi.org/10.36311/jhgd.v31.10364>
- Bicca, A., & Grzybowski, L. S. (2014). Adoção tardia: percepções dos adotantes em relação aos períodos iniciais de adaptação. *Contextos Clínicos, 7*(2), 155-167. <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2014.72.04>

- Bowlby, J. (1995). *Cuidados maternos e saúde mental*. Martins Fontes.
- Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health, 11*, 589-597. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- Costa, N. R., & Rossetti-Ferreira, M. C. (2007). Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 20*(3), 425-434. <http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n3/a10v20n3.pdf>
- Fernandes, M. B., & Santos, D. K. (2019). Sentidos atribuídos por pais adotivos acerca da adoção tardia e da construção de vínculos parento-filiais. *Nova Perspectiva Sistêmica, 28*(63), 67-88. <https://dx.doi.org/10.21452/2594-43632019v28n63a04>
- Fiorott, J. G., Giacomozzi, A. I., Bousfield, A. B. S., Justo, A. M., & Sauer, A. D. (2021). Representações sociais da devolução na adoção: tensionamentos e estratégias possíveis. *Estudos de Psicologia, 26*(1), 68-81. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epsic/v26n1/a08v26n1.pdf>
- Gallarin, M., Torres-Gomez, B., & Alonso-Arbiol, I. (2021). Aggressiveness in adopted and non-adopted teens: the role of parenting, attachment security, and gender. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 18*(4), 2034. <https://doi.org/10.3390/ijerph18042034>
- Hueb, M. F. (2016). Acolhimento institucional e adoção: uma interlocução necessária. *Revista da SPAGESP, 17*(1), 28-38. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2021000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2021000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)
- Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República.
- Lei n. 13.509, de 22 de novembro de 2017. (2017). Dispõe sobre adoção e altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente) e dá outras atribuições. Presidência da República. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/Lei/L13509.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13509.htm)
- Lima, B. G., Nácul, L. R., & Cardoso, N. O. (2020). A construção do vínculo parento-filial no processo de adoção tardia: uma revisão integrativa. *Textos & Contextos, 19*(2). <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2020.2.35601>
- Machado, L. V., Ferreira, R. R., & Seron, P. C. (2015). Adoção de crianças maiores: sobre aspectos legais e construção do vínculo afetivo. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 6*(1), 65-81. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072015000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072015000100006&lng=pt&tlng=pt)
- Machemer, R. S., & Frizzo, G. B. (2021). “Trigêmeos de Idades Diferentes”: a experiência da maternidade por meio da adoção de irmãos. *Contextos Clínicos, 14*(1). <https://doi.org/10.4013/ctc.2021.141.03>
- Madalena, M., & Falcke, D. (2020). Maus-tratos na infância e o rompimento do ciclo intergeracional da violência. In M. L. M. Teodoro, & M. N. Baptista (Orgs.), *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção* (2a ed., pp. 93-100). Artmed.
- Melo, C. F., Carvalho, M. V., Monteiro, R. O., & Ramos, C. M. O. (2018). Nascem pai e mãe: a percepção dos pais sobre o processo de adoção tardia. *Psicopedagogia Online, 1*, 1-8. Recuperado de [https://www.researchgate.net/publication/341446827\\_Nascem\\_pai\\_e\\_mae\\_a\\_percepcao\\_dos\\_pais\\_sobre\\_o\\_processo\\_de\\_adocao\\_tardia](https://www.researchgate.net/publication/341446827_Nascem_pai_e_mae_a_percepcao_dos_pais_sobre_o_processo_de_adocao_tardia)
- Pasin, H. C. A., Fiorott, J. G., Hensel, B. P., Giacomozzi, A. I., & Bousfield, A. B. S. (2022). Grupos reflexivos sobre a adoção de crianças e adolescentes: temas emergentes. *Revista da SPAGESP, 23*(1), 14-29. <https://doi.org/10.32467/issn.2175-3628v23n1a3>
- Paulina, E., Ferreira, L., Bobato, S. T., & Becker, A. P. S. (2018). Processo de vinculação afetiva de crianças adotadas na perspectiva dos pais adotantes. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia, 38*(94), 77-86. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2018000100008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100008&lng=pt&tlng=pt)
- Peixoto, A. C., Giacomozzi, A. I., Bousfield, A. B. S., Berri, B., & Fiorott, J. G. (2019). Desafios e estratégias implementadas na adoção



- de crianças maiores e adolescentes. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 63, 89-108. <http://dx.doi.org/10.21452/2594-43632019v28n63a05>
- Pereira, F. M. S., & Menezes, H. C. B. (2016). A efetividade do direito à convivência familiar da criança e do adolescente à luz da lei de adoção. *Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário da FEB*, 12(1). <http://dx.doi.org/10.4322/1980-0029.182014>
- Pinto, A. V., Cavalcanti, J. G., Araújo, L. S., Coutinho, M. L., & Coutinho, M. P. (2018). Depressão e adolescência: relação com qualidade de vida e bem-estar subjetivo. *Revista de Psicologia da IMED*, 10(2), 6-21. <https://doi:10.18256/2175-5027.2018.v10i2.2752>
- Pordeus, M., & Viana, R. (2020). A estrutura do vínculo familiar na adoção tardia. *Cadernos de Comunicação*, 24(2). <https://doi.org/10.5902/2316882X48523>
- Queiroz, A. C. A., & Brito, L. (2013). Adoção tardia: o desafio da garantia do direito à convivência familiar e comunitária. *Textos & Contextos*, 12(1), 55-67. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/13161>
- Rinaldi, A. A. (2019). Adoção: políticas para a infância e juventude no Brasil? *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 33, 273-294. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.33.13.a>
- Sampaio, D. S., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2018). Pedras no caminho da adoção tardia: desafios para o vínculo parento-filial na percepção dos pais. *Trends in Psychology*, 26(1), 311-324. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2358-18832018000100311&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2358-18832018000100311&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)
- Schettini, S. S. M., Amazonas, M. C. L. A., & Dias, C. M. S. B. (2006). Famílias adotivas: identidade e diferença. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 285-293. <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v11n2/v11n2a06.pdf>
- Silva, P. S., Silva, E. X. L., Lopes, R. C. S., & Frizzo, G. B. (2017). Diferentes configurações familiares de candidatos à adoção: implicações para os processos de habilitação. *Estudos de Psicologia*, 22(4). <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20170042>
- Silva, P. S., Schwochow, M. S., Resmini, G. F., & Frizzo, G. B. (2020). Critérios para habilitação à adoção segundo técnicos judiciários. *Psico-USF*, 25(4), 603-612. <http://dx.doi.org/10.1590/1413/82712020250401>
- Silva, P. S., Machado, M. S., Silberfarb, M. S., Machemer, R. S., Santos, A. T. R., Chaves, V. P., & Frizzo, G. B. (2022). (Re)construindo vínculos: Relato de experiência de um grupo de apoio à adoção. *Revista da SPAGESP*, 23(1), 175-190. <https://dx.doi.org/https://doi.org/10.32467/issn.2175-3628v23n1a14>
- Só, L. (2018). As escolhas adolescentes. In C. Chazan, & L. Só (Orgs.), *Vida adolescente: perspectivas de compreensão* (pp. 25-36). Fi.
- Winnicott, D. W. (2005). *A família e o desenvolvimento individual* (3a ed.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965).
- Wright, L., & Flynn, C. C. (2006). Adolescent adoption: Success despite challenges. *Children and Youth Services Review*, 28(5), 487-510. <https://doi:10.1016/j.childyouth.2005.06.00>
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2a ed.). Bookman.